

Vinte e Um Dias de Bote, de Humberto Passos Freitas (2021)

[10.29073/naus.v8i1.949](https://doi.org/10.29073/naus.v8i1.949)

Recebido: 13 de janeiro de 2025.

Publicado: 18 de junho de 2025.

Autor/a 1: Pedro da Silva , Colégio Etapa, Brasil, ppanhoca@yahoo.com.br.

Autor/a 2: Camila Concato , Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil, concato@uol.com.br.

Oh povo, rapaziada nova, que perdeis a vossa mocidade em Casinos, baccanaes e outros centros de perdição, poupae uns cobres e conseguiste a vossa saude e viajae, nem que seja n'um pequena bote de pesca, como eu viajo, e tirae do Mundo os benefícios que o Creador nos proporcionou! (Freitas, 2021, p. 37)

Humberto Passos de Freitas foi uma personalidade envolvida nas mais diversas atividades: foi explorador, viajante, desportista, cientista, escritor, voluntário de guerra, dentre outras atuações. Um dândi do seu tempo, esse excêntrico homem também ajudou a fugir simpatizantes do antigo regime monárquico que estavam detidos no Lazareto por terem participado da Revolta do Monsanto.

Freitas nasceu em 7 de julho de 1893, na Paróquia Santa Luzia, no Funchal, e era o mais novo dos três filhos de Manuel dos Passos Freitas e D. Carolina da Glória Martins Passos. Suas irmãs se chamavam Carolina (a mais velha) e Alice. Estudou no Liceu do Funchal e depois passou 6 anos no Chatham House Grammar School, na Inglaterra (2021, p. 14). Casou-se com Maria Glafira Gomes de Freitas e, dessa união, teve uma filha chamada Dalila Rowena dos Passos Freitas, em 1914 (2021, p. 18). Após a separação devido a adultério, casou-se com Lettice Digby de Cotes, também separando-se dela pelo mesmo motivo (2021, p. 19-20). Esses episódios reforçam seu apreço pela boémia.

Em *Vinte e um dias de bote* (2021), o autor apresenta em forma de diário de bordo sua viagem que envolveu a Ilha da Madeira, as Desertas e o Porto Santo. Seu estilo de escrita é fácil e erudito sem ser fastidioso, o que ajuda na imersão do leitor no texto, que se sente como se fosse um membro de sua embarcação (Biscoito, 2023, p. 7-8).

A excentricidade do protagonista (o próprio Freitas) já começa na seleção das provisões a serem levadas e no tipo de embarcação, a que chamava “Zuzi”, escolhida para a sua aventura: um barco de pesca com 11,30 metros de comprimento por 2,85 metros de boca (2021, p. 55), tradicional barco usado para a pesca de peixe-espada nas ilhas. O que havia de mais tecnológico na época também foi incluído junto com os mantimentos diários, como máquinas fotográficas, fita e aparelho cinematográfico e gramofone (2021, p. 63).

O texto de Freitas não é inovador, mas difere da maioria dos relatos de viagem por não desbravar lugares distantes da terra natal, e sim a própria pátria. Segundo Barradas (2021, p. 41):

Se o viajante longínquo se defronta com civilizações, culturas e línguas diferentes, estando longe do seu espaço natural, e portanto, normalmente em confrontação com a sua própria identidade, já o viajante propínquo sente-se em “casa”, num certo conforto identitário, até familiar, da viagem, que lhe dá a possibilidade de empreender viagens no seu íntimo, relacionando os locais com as suas memórias.

A transcrição do texto realizado pelos investigadores que o republicaram é fiel à originalidade do texto-fonte, de 1924 (Barradas, 2021, p. 43), inclusive mantendo os estrangeirismos empregados pelo autor, reforçando sua conexão anglófona (Barradas, 2021, p. 44). Alguns exemplos podem ser encontrados em um dos sonhos que o protagonista teve em sua expedição nacional, no qual chega a um palácio de um sultão:

Dirigi-me a Sua Majestade, fazendo salamaleques e exclamei:

— Sire, que mandais?

Sua Majestade (pretendendo ter ares austeros) responde:

— Mandei-o chamar para perguntar-lhe com que autoridade você quer servir-se de certa parte da anatomia dos meus protegidos para treino de foot-ball! (Freitas, 2021, p. 85, grifos do autor).

As notas explicativas são esclarecedoras e em sua maioria servem para explicar os nomes científicos das espécies citadas pelo protagonista. As notas tanto explicam o que se vê ao leitor leigo como as corrigem quando falha a memória do protagonista. Por exemplo, quando a tripulação do barco se distrai com um bando de bocas de panela (*Orca gladiator*), a nota explicativa alerta que “*Orca gladiator*, atualmente, é a orca. A boca-de-panela é *Globicephala macrorhynchus*. Esta última é muitíssimo mais comum nas nossas águas do que a orca” (Freitas, 2021, p. 114), evitando que o leitor atual caia num equívoco.

O relato dos acontecimentos não é hiperbólico e tenta retratar a realidade, até mesmo fatos corriqueiros e cômicos. Quando deixam o Porto de Santa Maria, por exemplo, o capitão (o próprio Freitas) se depara com um arroz de lapas a ser servido. Ele relata o seguinte:

Mandei servir “grog” e charutos à tripulação [composta de cinco pessoas: Freitas, sua esposa Angela George, e outros três tripulantes], pusemos o gramofone a tocar, e o *Aferra* [um dos tripulantes] exibiu-se como dançarino ao tom de *Dardanella*.

Tanto rimos que as lágrimas rebentaram, e os músculos ficaram a doer-nos (Freitas, 2021, p. 80, grifos do autor, comentários nossos).

Freitas sabe que os seus feitos entrariam para a História, como o ter fundado o mais antigo clube desportivo madeirense (Freitas, 2021, p. 31), ter sido um dos sócios mais antigos do *Clube Sport Marítimo* (Freitas, 2021, p. 31), ter organizado a primeira maratona na Ilha da Madeira (Freitas, 2021, p. 32), ter idealizado a criação da federação/liga madeirense de desportos (Freitas, 2021, p. 34), ter sido o primeiro a esquiar nas montanhas nevadas de sua terra natal (Freitas, 2021, p. 34) e ter introduzido o *side car* na ilha (Freitas, 2021, p. 34). No entanto, em seu relato se equivoca sobre a introdução do cinema no arquipélago, já que o príncipe Alberto I do Mónaco é quem deve ter sido o pioneiro a filmar o local. (Freitas, 2021, p. 81)

De facto, o tempo que estava ao nordeste rondou para o sul e foi melhorando até que às 11 a.m. estava completamente “furado”; aproveitei para ir a terra e levei a máquina cinematográfica, para ter o prazer de tirar pela primeira vez na história das Desertas um filme cinematográfico (Freitas, 2021, p. 81).

O protagonista preza pelo detalhismo de algumas cenas, que concede mais plasticidade às ações nela descritas:

Tocámos ao gramofone e às dez da noite mandei servir o chá, chá que por bom sinal parecia vinho, pois havia sido feito com água trazida num barril, mal lavado, que servira de vinho Bucelas, da casa Camilo Alves (Freitas, 2021, p. 89)

O discurso direto é raramente empregado, mas também auxilia o leitor a imaginar a cena. No diálogo a seguir, surgido quando Freitas conversa com um habitante do Porto Santo, outro recurso que pode ser encontrado em algumas partes da narrativa é a presença do humor:

— Como é o nome da Vila do Porto Santo?

— Saiba que o fidalgo que o não sei!

— Então vossemecê não sabe o nome da Vila onde reside?

— Ora, é o *Porto Santo onde a gente mora*.

— E qual é a igreja Matriz?



— *Lá com coisas sérias não se brinca* (responde-me o homem desconfiado e com cara muito zangada).

— Não percebo essa resposta; o que eu perguntei foi qual o nome da Santa ou Santo que tem a igreja Matriz.

... silêncio...

Insisti, não ouves, ó cidadão, a pergunta que te faço?

Não sabes o que é a igreja Matriz? Igreja Matriz ou Igreja Principal, é a mesma coisa!... com uns olhares de revés responde-me:

— “*Aqui dá-se esse nome mas é a uma mulher de má vida!* [o morador local confunde a palavra “matriz” com “meretriz”] (Freitas, 2021, p. 104, grifos do autor, comentário nosso).

Há também a presença do folclore local no diário de bordo de Freitas. Diferente do sonho no palácio do sultão, o relato de 14 de setembro de 1923 começa com surpresa por parte do autor:

Logo a seguir a baldeação, isto é, às 6.30 a.m., meti-me na canoa munido de uma carabina, as máquinas fotográficas, o cinematógrafo, magnésia e luzes, seguindo para a Furna do Furadinho, assim chamada por ter um pequeno furado ao lado, à procura de lobos (*Monachus albiventer*) para filmar. Em vão, esperámos uma hora, como nada víssemos seguimos para a Furna da Praia do Vinho, a ver se seríamos mais bem sucedidos. Diz-se que se chama Praia do Vinho por ter dado aqui à costa uma pipa deste néctar. E conta-se que quem descobriu a pipa foi um preto que andava trabalhando na colheita da urzela no alto da Deserta, que, sonhando por três vezes ter uma pipa de vinho dado à costa, na dita calheta, assim que viu nascer o dia, para ali se dirigiu constatando com grande alegria, que o sonho se transformara em realidade! (Freitas, 2021, p. 90

Conhecimentos práticos também são comentados pelo capitão do barco em seu diário, longe de tanger o pedagogismo, e mais voltado para enriquecer o relato da cena:

Das 10 a.m. passámos entretidos a pescar, tendo *conseguido apenas apanhar sete aranhas [peixe facilmente encontrado no Porto Santo] (*Trachinus vipera* 5 e *Trachinus draco* 2). Quem as agarrou e matou foi o *Aferra*, pois sabemos o que é a picada das espinhas operculares e em especial das pontas da primeira barbatana, para não lhes tocarmos. Já uma vez, há longos anos, o veneno que um destes peixes nos inoculou num dedo, produziu-nos um forte incómodo traduzido por dores intensas e febre altíssima. Mas, a verdade é que a maldade apenas existe nas barbatanas, pois o peixe bem-preparado, é delicioso. (Freitas, 2021, p. 109, grifos do autor, comentário nosso)

O relato do dia 26 de setembro de 1923 é, talvez, o momento mais polêmico preservado: a xenofobia que o autor sente em relação aos ingleses — diferenciando os ingleses da “*gentry*”, seus colegas, dos “ingleses de exportação”, que fundaram uma colônia na Ilha da Madeira (Freitas, 2021, p. 117) —, alternando as opiniões com boa dose de patriotismo — por exemplo em “Quando Portugal entrou na [1ª] Guerra [Mundial], não foi necessário que me chamassem para eu servir nas fileiras do seu exército” (Freitas, 2021, p. 116, comentários nossos).

Por esses e outros motivos *Vinte e um dias de bote* difere dos demais relatos de viagem: o protagonista é um verdadeiro aventureiro, com planos ousados numa expedição simples realizada como se se tratasse de uma grande aventura. Certamente, um homem muito à frente do seu próprio tempo que nos deixa um documento importante sobre a fauna e a flora, mas também da sociedade do seu tempo.

Referências

Barradas, C. (2021). Sobre vinte e um dias de bote. In H. P. Freitas, *Vinte e um dias de bote* (M. Biscoito, Pref.; A. C. Trindade & L. Paolinelli, Eds. e Notas, pp. 37–42). Edições Esgotadas.



Biscoito, M. (2021). Prefácio. In H. P. Freitas, *Vinte e um dias de bote* (A. C. Trindade & L. Paolinelli, Eds. e Notas, pp. 7–10). Edições Esgotadas.

Freitas, H. P. (2021). *Vinte e um dias de bote* (M. Biscoito, Pref.; A. C. Trindade & L. Paolinelli, Eds. e Notas). Edições Esgotadas.

Declaração Ética

Conflito de Interesse: Nada a declarar. **Financiamento:** Nada a declarar.



Todo o conteúdo da **NAUS — Revista Lusófona de Estudos Culturais e Comunicacionais** é licenciado sob [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/), a menos que especificado de outra forma e em conteúdo recuperado de outras fontes bibliográficas.